



JUVENTUDES EM PORTUGUÊS:

EXPRESSÕES JUVENIS DE LÍNGUA PORTUGUESA

VICTOR NEDEL
SUSANA HENRIQUES
CRISTINA PEREIRA VIEIRA
ORGANIZAÇÃO

ARCO
EDITORES ● ● ●



JUVENTUDES EM PORTUGUÊS:

EXPRESSÕES JUVENIS DE LÍNGUA PORTUGUESA

VICTOR NEDEL
SUSANA HENRIQUES
CRISTINA PEREIRA VIEIRA
ORGANIZAÇÃO

ARCO
EDITORES ●●●

Editor Chefe*Ivanio Folmer***Diagramação***Gabriel Eldereti Machado***Bibliotecária***Eliane de Freitas Leite***Revisora Técnica***Gabriella Eldereti Machado***Revisão***Organizadores e Autores(as)***Imagem capa***www.canva.com***Conselho Editorial**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva - UNIDAVI

Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior - IFFAR

Prof. Dr. Alan Ricardo Costa - UFRR

Profa. Dra. Andréia Bulaty -UNESPAR

Profa. Dra. Carla da Conceição de Lima - UFVJM

Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza - UNISC

Profa. Dra. Clarice Caldeira Leite - UFRGS

Profa. Dra. Cecilia Decarli - UFRGS

Prof. Dr. Carlos Adriano Martins - UNICID

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira - UFCE

Profa. Dra. Dayse Marinho Martins - UFMA

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL

Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio -UFRGS

Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos - FASESP

Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa - UERN

Profa. Dra. Elen Gomes Pereira - IFBA

Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch - UFN

Prof. Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE

Prof. Dr. Francisco Ricardo Miranda Pinto - UFCAT

Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - UCB

Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho - UFAL

Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch -UFSM

Profa. Dra Liziany Müller Medeiros - UFSM

Profa. Dra Marcela Mary José - UFRB

Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler - UFSM

Prof. Dr. Michel Canuto de Sena - UFMS

Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti - UNICENTRO

Prof. Nilton David Vilchez Galarza - UPLA

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza - UEPB

Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado - UFABC

Prof. Dr. Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo - UNILUS

Prof. Dr. Rodrigo Toledo - USCS

Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza - UERJ

Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira - UFSM

Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin - UFOB

Prof. Dr Tomás Raúl Gómez Hernández - UCLV

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Juventudes em português [livro eletrônico] :
expressões juvenis de língua portuguesa /
organização Victor Nedel, Susana Henriques,
Cristina Pereira Vieira. -- Santa
Maria, RS : Arco Editores, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-5417-251-6

1. Educação 2. Juventude - Educação 3. Língua
portuguesa - Estudo e ensino 4. Práticas educativas
I. Nedel, Victor. II. Henriques, Susana. III. Vieira,
Cristina Pereira.

24-199390

CDD-469.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa : Estudo e ensino 469.07

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



10.48209/978-65-5417-251-6

Esta obra é de acesso aberto.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte
e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



ARCO EDITORES

Telefone: 5599723-4952

contato@arcoeditores.com

www.arcoeditores.com

CAPÍTULO 4

PARTICIPAÇÃO FEMININA EM CIÊNCIAS, TECNOLOGIAS, ENGENHARIAS E MATEMÁTICAS, NO ENSINO SUPERIOR EM MOÇAMBIQUE

*Danilo Parbato
Susana Henriques
Sandra Caeiro*

Doi: 10.48209/978-65-5417-251-3

Introdução

O tema sobre a participação feminina no ensino superior (ES) em Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemáticas (STEM) já conta com alguma revisão sistemática da literatura e mapeamento em resposta a algumas perguntas, destacando-se as duas seguintes: (i) Que estudos existem sobre a diferença de género em relação à escolha do ES na área STEM e (ii) Como os papéis e estereótipos de género influenciam a tomada de decisões relacionadas ao ES (VERDUGO-CASTRO, 2022).

O ES em Moçambique, com 60 anos de história celebrados em 2022, tem sido desenvolvido numa distribuição regional histórica (i) de desigualdade na oferta de vagas e (ii) de benefício de instalação de mais instituições de boa reputação nacional apenas na região sul do país (TAMBE; DA COSTA;

GONÇALVES, 2022). Orientado ainda por um Plano Estratégico não renovado, de 2012 – 2020, contava com 237.777 estudantes, segundo dados de 2020 da Direcção Nacional de Ensino Superior (DNES) e é constituído por 56 instituições de ensino superior (IES), 22 públicas e 34 privadas, distinguindo-se em universidades, academias e institutos superiores e politécnicos. Dada a sua dimensão e por se tratar de um país em desenvolvimento, torna-se importante estudá-lo, buscando colaborar para a produção de possíveis respostas para a primeira pergunta “sobre a diferença de género em relação à escolha do ES na área STEM”, orientado pelo objectivo geral de analisar o acesso ao ES em Moçambique quanto à equidade de género e à participação feminina em STEM e tendo como objectivos específicos os de (i) distinguir de entre os desafios do acesso ao ES em Moçambique o da equidade de género e (ii) caracterizar o desafio da participação feminina em STEM no ES em Moçambique.

Abordagem Metodológica

A metodologia adoptada foi a de (i) pesquisa bibliográfica, numa perspectiva de um estudo exploratório preliminar de compreensão do tema e de (ii) pesquisa documental de percepção dos desafios no acesso ao ES em Moçambique, particularmente da equidade de género e da participação feminina em STEM. Foi feita uma análise qualitativa de conteúdo (SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2019), mas também com uma complementaridade quantitativa, ao aceder e tratar estatisticamente a informação relevante sobre o acesso e à participação feminina no ES, em particular nas áreas STEM.

No contexto da pesquisa foi observada a ética de acordo com Saunders; Lewis; Thornhill (2019), em que “os pesquisadores devem exercer escolhas baseadas em princípios e padrões éticos” (SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2019:02).

Os principais teóricos para (i) a análise do acesso ao ES, considerando a equidade, particularmente a de género, foram Salmi (2019), Fawe (2015) e o Gender Equality Glossary & Thesaurus, para (ii) a compreensão do papel do contexto (Família, Escola e Comunidade) e relevância da participação feminina nas STEM foram Mukhwana et al., (2020), Epstein (2018), Stelter; Kupersmidt; Stump (2021), OECD (2021a) e (iii) em conceitos de STEM foram Nadelson; Seifert (2017).

Com vista a (i) distinguir os desafios do acesso ao ES em Moçambique quanto a equidade de género e a (ii) caracterizar o desafio da participação feminina em STEM, segue-se um suporte teórico estruturado em equidade de género no acesso ao ES e outro sobre a dimensão de género nas áreas STEM. Posteriormente efetua-se uma caracterização e reflexão da participação feminina em STEM em Moçambique com base em estatísticas da Direção Nacional do Ensino Superior de Moçambique e orientações regulamentares por parte do governo central e estudos realizados sobre o tema.

Equidade de Género no Acesso ao Ensino Superior

Equidade de Género representa a provisão de justiça na distribuição de benefícios e responsabilidades entre mulheres e homens. Segundo o Gender Equality Glossary & Thesaurus, o conceito de Equidade de Género reconhece que mulheres e homens têm necessidades e poderes diferentes e que essas diferenças devem ser identificadas e abordadas de maneira a rectificar os desequilíbrios entre os sexos. Isso pode incluir tratamento igual ou tratamento diferente, mas considerado equivalente em termos de direitos, benefícios, obrigações e oportunidades.

Para rectificar os desequilíbrios, o progresso médio na paridade de género na educação tem sido relativamente mais avançado do que em outros aspectos, mas ainda assim existem 44 países onde mais de 20% das mulheres são

analfabetas. Além disso, a quase paridade no ES mascara a baixa participação de homens e mulheres (WORLD ECONOMIC FORUM, 2018).

E para analisar a Equidade, há duas dimensões, segundo Salmi (2019): (i) equidade vertical e (ii) equidade horizontal. A dimensão vertical diz respeito à progressão dos vários grupos desde o momento de entrada no ES até à conclusão do ciclo de estudos. A equidade horizontal, que está ligada ao grau de diversificação institucional de cada sistema de ES, trata-se de ter oportunidades iguais para seleccionar entre o leque de IES existentes e de toda a gama de programas académicos (SALMI, 2019).

Para o caso de ES, há ainda três aspectos que devem ser considerados sobre a Equidade (SALMI, 2019): (i) Equidade de acesso que mede se vários grupos têm oportunidades iguais para se matricular em programas e IES; (ii) Equidade de resultados que se refere às oportunidades de avançar no sistema e concluir com sucesso estudos de nível superior; e (iii) Equidade de resultados que é definida pelos resultados do mercado de trabalho de vários grupos de equidade em relação às suas qualificações de ES.

Para fazer face aos desafios da Equidade de Género, diferentes manifestações de acção afirmativa têm sido difundidas, mais concentradas no aumento do acesso a mulheres. No entanto, os efeitos das acções afirmativas revelam que esse foco no acesso, embora necessário, levou ao descaso dos indicadores qualitativos de igualdade de género no ES. A facilitação do acesso não ponderou os ambientes de instrução nas IES, por isso há necessidade de mudar para estratégias mais holísticas de resposta ao género (FAWE, 2015).

Dimensão Género em Áreas STEM no Ensino Superior

Segundo Mukhwana et al. (2020), o potencial de toda a população, incluindo a feminina, não tem sido explorado em inovação, ciência e tecnologia. Apesar de esforços feitos para elevar a participação feminina em STEM,

persiste uma grande disparidade de género (MUKHWANA et al., 2020). As áreas de tecnologias de informação, comunicação e engenharia, bem como a de construção e manufactura no ES em todos os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), estão preenchidas por homens em pelo menos 70% e 61%, respectivamente. O desequilíbrio de género inverte-se nas áreas de educação e saúde e bem-estar, onde os homens representam no máximo 38% (OECD, 2021b). E África, em particular, continua atrasada na geração da capacidade tecnológica humana. Uma análise de tendência da participação feminina em STEM numa Universidade de Ciência e Tecnologia do Ghana revela que é positiva, no entanto, é menor nas disciplinas de Ciências Físicas e Engenharias, embora superem os do sexo masculino nas Ciências da Saúde (APPIAH-CASTEL et al., 2020). Outro estudo, nos EUA, indica que entre estudantes universitários do primeiro ano, as mulheres são muito menos propensas a dizer que pretendem formar-se em STEM (HILL; CORBETT; ROSE, 2010). Também Falk et al. (2017) identificaram mais baixo interesse feminino de frequentar um curso STEM. A nível das graduações, o sucesso masculino superou o feminino em quase todas as áreas de ciências e engenharia e mais grave a física, engenharia e ciência da computação em que apenas 20% dos diplomas de bacharel foram para as mulheres (HILL; CORBETT; ROSE, 2010).

Como fazer face ao deficit de participação feminina em STEM? Há factores a considerar que facilitam as mulheres a se destacarem em STEM (MUKHWANA et al., 2020): disponibilidade de equipamentos e recursos, fortalecimento, apoio da família, suporte nas etapas, bolsas de estudos e apoio dos/das professores/as. Quanto ao apoio da família, há possíveis parcerias entre escola, família e comunidade (EPSTEIN, 2018). É preciso compreender as parcerias como uma componente da boa organização escolar, a importância do envolvimento da família e da comunidade vinculados a objectivos para

o sucesso do/a aluno/a na escola, o papel da comunidade em programas de parceria e manter conexões produtivas entre casa, escola e comunidade (EPS-TEIN, 2018). Quanto ao apoio dos professores, há quatro áreas temáticas em treinamento de mentores STEM (STELTER; KUPERSMIDT; STUMP, 2021): Conhecimento e atitudes em relação às disparidades na realização da carreira STEM; Funções de mentor que promovem resultados STEM; Comportamentos para promover atitudes positivas dos estudantes sobre STEM e Tópicos específicos do programa (STELTER; KUPERSMIDT; STUMP, 2021). E para que estes factores sejam efectivos para as mulheres se destacarem em STEM é necessário também observar a relevância das intervenções para tal, “que compreende quatro dimensões principais: resposta a necessidades, políticas e prioridades; ser sensível e responsivo ao contexto; qualidade das intervenções do projecto; e capacidade de resposta ao longo do tempo” (OECD, 2021a:39).

Abordagem STEM no Ensino Superior

A educação do século XXI realiza-se num ambiente de ensino interdisciplinar, personalizado, inclusivo, flexível, colaborativo, centrado no aluno e devem ser estruturadas as aulas para as habilidades do século, sendo os conhecimentos e as habilidades integrados e implementados pelos educadores (SEN; AY; KIRAY, 2016). Assim se chama de STEM integrado quando envolve condições que exigem a aplicação de conhecimentos e práticas de várias disciplinas para aprender ou resolver problemas transdisciplinares (NADELSON; SEIFERT, 2017). Além disso, ensinar STEM integrado pode ser mais eficiente do que ensinar STEM segregado, pois vários conceitos e ideias STEM podem ser efectivamente abordados simultaneamente (Drake & Burns, 2004 apud NADELSON; SEIFERT, 2017). Segundo Prado; Silva (2020), o objectivo é levar

os alunos a se envolverem em soluções de problemas reais de forma multidisciplinar através de actividades-desafios, relacionados ao STEM.

De acordo com Stelter; Kupersmidt; Stump (2021), os programas de orientação em STEM têm como objectivo gerar interesse e entusiasmo em tópicos e carreiras STEM e apoiar a persistência na realização de tais carreiras. Segundo Falk et al. (2017), apesar das barreiras sociais, cognitivas e culturais, as mulheres manifestam interesse na especialização em STEM. Porém, as mulheres em STEM relatam menor interesse e confiança em comparação com os homens. O estudo sugere que tanto a auto-eficácia, quanto o interesse, são necessários para abordar uma meta de carreira. Por isso, há uma necessidade de aprofundar este tema e procurar entender como promover a participação feminina nas STEM.

Ensino Superior em Moçambique

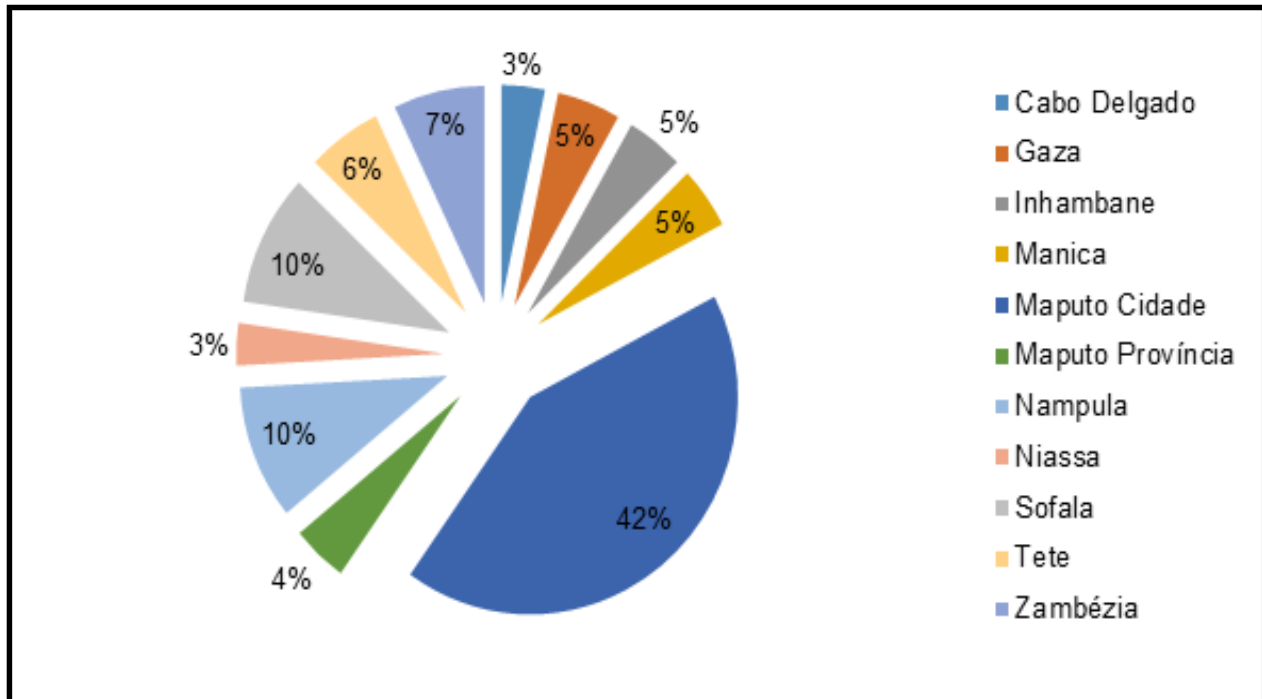
Em Moçambique, a educação constitui direito e dever de cada cidadão, conforme o consagrado no artigo 92 da Constituição da República e demais legislação em vigor, e que o Estado deve promover a extensão do acesso à educação e à formação profissional contínua, em igualdade de condições, a todos os cidadãos, concedido através do Sistema Nacional de Educação (MUCHANGOS; LINO, 2016).

Da análise de Mandlate, Nivagara (2019) a todos os documentos de política e legislação que se debruçam sobre a questão do acesso ao ES em Moçambique, há duas directrizes fundamentais – (i) aumentar vagas de entradas nos cursos e diversificar os cursos e (ii) alcançar o equilíbrio geográfico, social e do género (MANDLATE; NIVAGARA, 2019). Esta abordagem reflecte as dimensões propostas de Salmi (2019).

O primeiro aspecto da igualdade de condições de acesso ao ES em Moçambique está já a ocorrer em todas as províncias do País, ainda que pela his-

tória do desenvolvimento do ES se mantenha uma maior concentração de estudantes na capital Maputo, com 42% do total de 237.777 estudantes, como se pode ilustrar pela Figura 1, com a distribuição da percentagem de frequência.

Figura 1: Estudantes do ES por Província em 2020 - %



Fonte: Direcção Nacional do Ensino Superior – Moçambique

Estratégia de Género em Moçambique

Moçambique ratificou na área de género a Convenção das Nações Unidas sobre todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW), os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável, a Agenda 2030 das Nações Unidas e o Protocolo da SADC sobre Género e Desenvolvimento (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2018). E de acordo com a Política de Género, constitui um imperativo para o processo de desenvolvimento e “baseia-se na ideia de que todas as esferas, sistemas, instituições e normas devam ser revistos, de modo a garantir que os princípios da igualdade de género se reflectam nele, independentemente das pessoas envolvidas nas instituições” (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE,

2018:04). De nove eixos estratégicos, destaca-se o Eixo 3: Educação e Formação (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2018:08):

- Assegurar o acesso, a retenção e a conclusão com sucesso de Mulheres e Homens em todos os níveis de ensino, eliminando o fosso de género;
- Rever os currículos para os tornar sensíveis ao género e eliminar os estereótipos de género no ensino, envolvendo as comunidades na sua elaboração com intuito de alinhar os ensinamentos do foro doméstico com os da escola;
- Desenvolver acções tendentes a eliminar a violência baseada no género nas escolas, introduzindo medidas legislativas para acabar com a impunidade do abuso sexual das mulheres nas escolas;
- Promover o acesso e a retenção da mulher no Ensino Técnico Profissional e o aumento do número de mulheres a optar por disciplinas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática, bem como estender a oferta das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) para todos os níveis de ensino e todas as regiões geográficas;
- Promover a formação e capacitação de adolescentes e jovens visando o desenvolvimento de competências para a comunicação e tomada de decisão, sobretudo nas mulheres vulneráveis.

A Estratégia de Género do Sector de Educação e Desenvolvimento Humano 2016 – 2020 previu a aprendizagem dos estudantes de ambos os sexos, desafiando as relações de género desiguais, questionando os estereótipos e atitudes que geram a desigualdade (MUCHANGOS; LINO, 2016).

Importa reter que também há uma trajectória académica de género em Moçambique, sua constituição epistemológica e sua área de influência. Há uma história com temas debatidos, perspectivas, controvérsias, conexões, tensões e como contribuem para a formação de um campo de estudos de gé-

nero moçambicano (GASPARETTO, 2021). Há registo de que nos anos 90, o Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) deu início ao novo campo de estudos sobre a mulher numa perspectiva de género e fê-lo com base em pesquisa-acção, tendo influenciado os curricula da UEM para incorporação de questões de género nos cursos e a mobilização de mulheres para cursos maioritariamente masculinos (CASIMIRO; ANDRADE, 2005).

Abordagem STEM no Ensino Superior em Moçambique e a Participação Feminina

A dimensão de género, construída cultural, social e historicamente pode ser um vector que permite identificar aspectos culturais e relações de poder entre homens e mulheres que se estendem até a opção pelas mulheres e homens ao tipo de cursos a frequentar no ES (UAMUSSE; COSSA; KOULESHOVA, 2020).

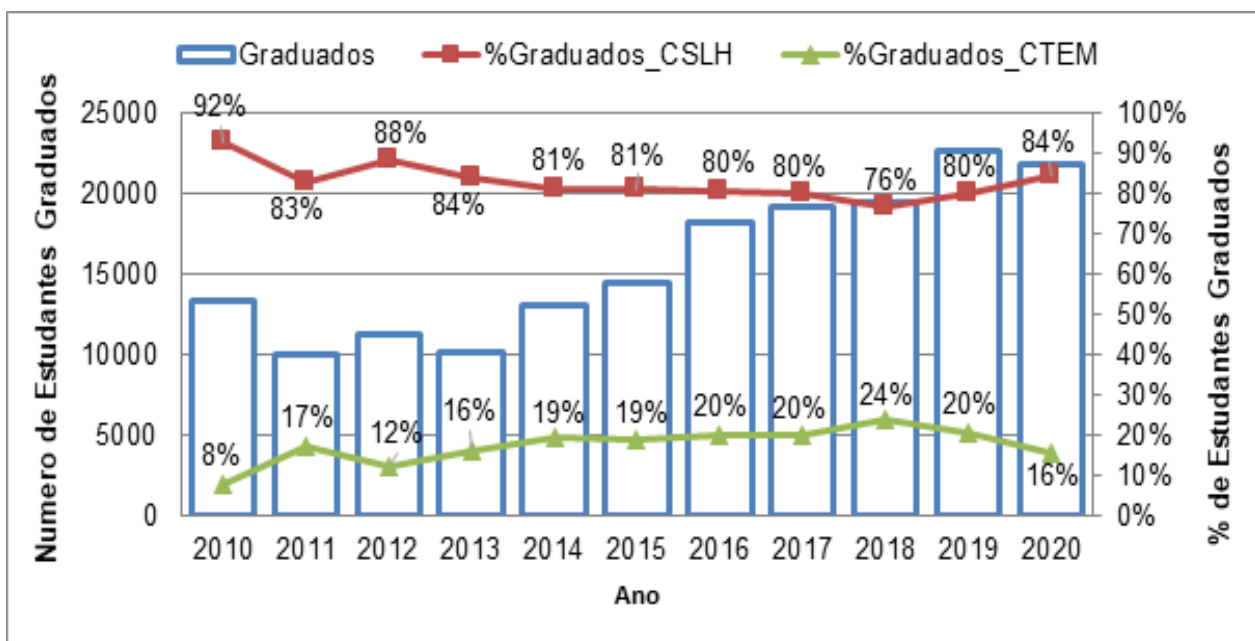
Para o caso de cursos STEM em Moçambique, os resultados de um estudo mostraram, por um lado, desafios e limitações que se situam a vários níveis: na formulação da política educativa, na estrutura curricular, nas infra-estruturas e na formação do corpo docente (VICTORINO, 2020). Percepcionou-se ainda que a prática pode ser um instrumento valioso na promoção das metodologias colaborativas no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para uma melhoria da prática educativa na escola moçambicana (VICTORINO, 2020). Segundo Epstein (2018), para o sucesso educativo, é preciso compreender a necessidade de parcerias como componente de uma boa organização institucional que dá importância ao envolvimento da família e da comunidade, vinculado a objectivos para o sucesso dos estudantes (EPSTEIN, 2018).

Sobre o papel da família e da escola, um estudo moçambicano identifica como actores cruciais para vencer-se as barreiras do acesso feminino ao

ES e, em particular, aos cursos de STEM. Por isso, parte das intervenções devem ocorrer directamente nas famílias e comunidades, assim como nas escolas (UAMUSSE; COSSA; KOULESHOVA, 2020). E nas escolas, é de lembrar as quatro áreas temáticas para incluir no treinamento de mentores STEM (STELTER; KUPERSMIDT; STUMP, 2021).

“A presença de mulheres no ensino superior aumenta a cada ano, mas a maioria está nos cursos de letras ou similares” (MUCHANGOS; LINO, 2016:12). O estudo de Uamusse; Cossa; Kouleshova (2020) confirmou a fraca participação feminina em STEM, considerando tendências mundiais e locais e sem descuidar os factores socioculturais, políticos e históricos que influenciam na escolha de cursos e/ou profissões pelas mulheres. Os dados estatísticos de 2020 indicam que do total de 237.777 estudantes no ES em Moçambique, a participação feminina é de 47%. Porém, apenas 10% das mulheres está em áreas STEM. O gráfico da Figura 2 de estudantes graduados evidencia a fraca participação em áreas STEM.

Figura 2: Graduados em STEM de 2010 a 2020



Fonte: Direcção Nacional do Ensino Superior - Moçambique

No intervalo de 2010 a 2020, apesar de alguma oscilação, o nível de graduação em STEM não atingiu 25%. E durante a pandemia resultante da Covid 19, em 2020, baixou para 16%.

Segundo outro estudo, há uma maior participação nas áreas STEM das mulheres da capital Maputo. Os indicadores de desenvolvimento socioeconómico e urbanização são preditores positivos à maior participação das mulheres nos cursos de saúde, mas prevêm negativamente a sua actuação em tecnologias de informação e engenharias (TAMBE; DA COSTA; GONÇALVES, 2022).

Há algumas intervenções de promoção da participação feminina nas STEM que foram propostas para o caso de Moçambique (UAMUSSE; COSSA; KOULESHOVA, 2020). De acordo com os resultados desse estudo moçambicano, é de se propor como referência para uma análise da relevância dos tipos de intervenções identificados que se seguem: O papel de mulheres-modelo em carreiras de STEM (role-models); Acampamentos para mulheres: Science camps; Portas abertas das instituições de ensino superior; Caravana da ciência; Visitas de estudo; Formação de professores de ciências básicas; e O papel da família e da escola, tal como identificado por (MUKHWANA et al., 2020), (EPSTEIN, 2018), (STELTER; KUPERSMIDT; STUMP, 2021).

Os resultados demonstraram que, de entre os desafios do acesso ao ES em Moçambique, destaca-se no momento presente o desafio do incremento da participação feminina no ES, particularmente nas áreas STEM. Esses resultados poderão agregar valor ao Desenvolvimento Sustentável (DS), considerando a recente visão da “Década de Acção e Entrega para o Desenvolvimento Sustentável em África”, em que os Estados-membros devem redesenhar os seus currículos de ES para dar ênfase a STEM, à educação da mulher e às opções de financiamento da educação (LIGAMI, 2020).

Os resultados dos estudos analisados podem ser utilizados para melhorar a representação feminina e ampliar a sua participação em STEM (FALK et al., 2017).

Considerações Finais

O objectivo de analisar o acesso ao ES em Moçambique quanto à equidade de género e à participação feminina em STEM deixa resultados que respondem às duas dimensões de análise da equidade, vertical e horizontal, segundo Salmi, (2019). A dimensão vertical referiu-se à progressão de distintos grupos no acesso ao ES até à graduação. A dimensão horizontal referiu-se ao grau de diversificação de IES do sistema de ES, distinguindo-se em universidades, academias e institutos superiores e politécnicos, permitindo oportunidades iguais para opções diversificadas entre o leque de instituições existentes em todas as províncias de Moçambique e de programas académicos, incluindo da área STEM.

Foram partilhadas evidências na análise da equidade, quer vertical, quer horizontal, como a alusão feita ao acesso ao ES por ambos géneros, masculino e feminino, em distintas províncias de Moçambique, ainda que a maior concentração de estudantes prevaleça na capital Maputo, bem como a diversificação de IES e de programas, como o caso das STEM.

As tendências mundiais e locais e sem descurar os factores socioculturais, políticos e históricos que influenciam na escolha de cursos e/ou profissões pelas mulheres, reflectem-se também em Moçambique, conforme a pesquisa bibliográfica e documental realizada, bem como pelos dados estatísticos de 2020 que indicam apenas 10% de participação feminina no ES em áreas STEM. Porém, é necessário aprofundar a compreensão destas tendências em Moçambique realizando uma análise com base nos três aspectos referidos por Salmi (2019).

As reflexões propostas poderão agregar valor ao DS, no contexto da visão da “Década de Acção e Entrega para o Desenvolvimento Sustentável em África”, em que os Estados-membros devem redesenhar seus currículos de ES para dar ênfase a STEM e à educação da mulher. Para tal, é de propor em trabalhos futuros uma análise imediata da relevância dos tipos de intervenções de promoção da participação feminina em STEM, em particular nas IES com esse tipo de intervenções em Moçambique.

Referências

APPIAH-CASTEL, Mercy Vanessa D; LAMPTEY, Richard Bruce; TITILLOYE, Kemi; PELS, Welhemina Adoma. Female Enrolments in STEM in Higher Education: Trend Analysis from 2003 - 2018: KNUST as a case study. **Library Philosophy and Practice (e-journal)**, 2020.

CASIMIRO, Isabel Maria; ANDRADE, Ximena. Investigação sobre Mulher e Género no Centro de Estudos Africanos. **Estudos Moçambicanos** 21, 2005.

EPSTEIN, Joyce L. School, family and community partnerships in teachers' professional work. **Journal of Education for Teaching**, v. 44, n. 3, p. 397–406, 2018. DOI 10.1080/02607476.2018.1465669. Available at: <https://doi.org/10.1080/02607476.2018.1465669>.

FALK, Nikki A; ROTTINGHAUS, Patrick J; CASANOVA, Tracy N; BORGAN, Fred H; BETZ, Nancy E. Expanding Women's Participation in STEM: Insights From Parallel Measures of Self-Efficacy and Interests. **Journal of Career Assessment**, v. 25, n. 4, p. 571–584, 2017. <https://doi.org/10.1177/1069072716665822>.

FAWE. **Tackling Gender Inequality in Higher Education Institutions in Africa: From Affirmative Action to Holistic Approaches**. [S. l.: s. n.], 2015.

GASPARETTO, Vera Fátima. O campo dos estudos de género em Moçambique/África. v. 28, n. 1, p. 1–16, 2021. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n168326>.

HILL, Catherine; CORBETT, Christianne; ROSE, Andresse St. **Why So Few? Women in Science, Technology, Engineering, and Mathematics.** [S. l.: s. n.], 2010.

LIGAMI, Christabel. Forum calls for universities to take lead in achieving SDGs. **University World News**, n. March, 7 mar. 2020. Available at: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20200303074939736>.

MANDLATE, Ernesto; NIVAGARA, Daniel. Políticas de acesso ao ensino superior em Moçambique: progressos e desafios da sua implementação. **Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá**, v. XXII, p. 7–34, 2019. .

MUCHANGOS, Leontina V. S. Malahe dos; LINO, Maria Madalena J. **Estratégia de Género do Sector de Educação e Desenvolvimento Humano 2016 – 2020.** [S. l.: s. n.], 2016.

MUKHWANA, A M; ABUYA, T; MATANDA, D; OMUMBO, J; MABUKA, J. **Factors which Contribute to or Inhibit Women in Science, Technology, Engineering, and Mathematics in Africa.** [S. l.: s. n.], 2020. Available at: <https://www.aasciences.africa/>.

NADELSON, Louis S.; SEIFERT, Anne L. Integrated STEM defined: Contexts, challenges, and the future. **Journal of Educational Research**, v. 110, n. 3, p. 221–223, 2017. DOI 10.1080/00220671.2017.1289775. Available at: <http://dx.doi.org/10.1080/00220671.2017.1289775>.

OECD. **Applying Evaluation Criteria Thoughtfully.** [S. l.: s. n.], 2021a. Available at: https://www.oecd-ilibrary.org/development/applying-evaluation-criteria-thoughtfully_543e84ed-en.

OECD. **Education at a Glance 2021: OECD Indicators.** [S. l.]: OECD Publishing, 2021b.

PRADO, Junior Leal do; SILVA, Romário Ribeiro da. STEM - Uma Inovação no Ensino Superior. **Research, Society and Development**, v. 9, n.º 11, v. 2020, p. 1–15, 2020. .

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Política de Género e Estratégia de Implementação.** [S. l.: s. n.], 2018.

SALMI, Jamil. **Measuring the Impact of Equity Promotion Policies: Lessons from National and Institutional Case Studies.** [S. l.: s. n.], 2019.

SAUNDERS, Mark; LEWIS, Philip; THORNHILL, Adrian. **Research Methods For Business Students.** Eighth. New York: [s. n.], 2019.

SEN, Ceylan; AY, Zeynep Sonay; KIRAY, Seyit Ahmet. STEM Skills in the 21st Century Education. **Research Highlights in STEM Education.** [S. l.: s. n.], 2016. v. 7, p. 1–16.

STELTER, Rebecca L; KUPERSMIDT, Janis B; STUMP, Kathryn N. Establishing effective STEM mentoring relationships through mentor training. v. 1483, p. 224–243, 2021. <https://doi.org/10.1111/nyas.14470>.

TAMBE, Telma Amorgiana Fulane; DA COSTA, Candida Soares; GONÇALVES, António Cipriano Parafino. Relação entre equidade de gênero no ensino superior e desenvolvimento (tecnológico), em Moçambique. **Revista e-Curriculum**, v. 20, n. 1, p. 100–127, 2022. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2022v20i1p100-127>.

UAMUSSE, Amália Alexandre; COSSA, Eugenia Flora Rosa; KOULESHOVA, Tatiana. A mulher em cursos de ciências, tecnologia, engenharia e matemática no ensino superior moçambicano. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 28, n. 1, p. 1–9, 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n168325>.

VERDUGO-CASTRO, Sonia. The gender gap in higher STEM studies: A systematic literature review. v. 8, n. March, 2022. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2022.e10300>.

VICTORINO, Alfiado. Educação em ciência, tecnologia, engenharia e matemática versus metodologias colaborativas no ensino superior: desafios, oportunidades e limitações. **Reid - Revista Electrónica de Investigación e Desenvolvimento**, 2020.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The Global Gender Gap Report.** [S. l.: s. n.], 2018.



JUVENTUDES EM PORTUGUÊS:

EXPRESSÕES JUVENIS DE LÍNGUA PORTUGUESA

www.arcoeditores.com
contato@arcoeditores.com
(55)99723-4952

ARCO
EDITORES ● ● ●